

BASES DA LITERATURA ORAL – UMA ANÁLISE DO CONTEXTO DA LIRA POPULAR E DA LITERATURA DE CORDEL COM BASE EM “LITERATURA E SUBDESENVOLVIMENTO”

Anderson Morales Velloso¹

RESUMO: A Literatura nos países latino-americanos sempre encontrou problemas para desenvolver-se por vários motivos, pois, como avalia o professor Antonio Candido, as condições materiais para a parca presença da literatura local se ligam ao analfabetismo, inexistência dos públicos disponíveis para a literatura (em função do número reduzido de leitores reais), não especialização dos escritores locais, condições estas relacionadas ao “subdesenvolvimento” da região. No entanto, com tais problemas para o crescimento do círculo literário letrado, abre-se espaço para formas literárias não reconhecidas como as que se baseiam na oralidade criadas por figuras provenientes do meio campesino e da periferia das grandes cidades. No presente trabalho, analisamos e comparamos de maneira genérica as condições de criação e desenvolvimento da Lira Popular chilena e a Literatura de Cordel brasileira, com base em “Literatura e subdesenvolvimento” de Antonio Candido, tendo como período de análise desse contexto das formas literárias de base oral a segunda metade do século XIX até a década de 1930, período em que a Lira Popular deixa de circular.

Palavras-chave: Lira Popular. Literatura de Cordel. Subdesenvolvimento. Candido.

RESUMEN: La Literatura en los países latinoamericanos siempre ha encontrado problemas para desarrollarse por varios motivos, pues, como evalúa el profesor Antonio Candido, las condiciones materiales para la parca presencia de la literatura local se ligan al analfabetismo, inexistencia de los públicos disponibles para la literatura (en función del número reducido de lectores reales), no especialización de los escritores locales, condiciones estas relacionadas al “subdesarrollo” de la región. Sin embargo, con dichos problemas para el crecimiento del círculo literario letrado, se abre espacio para formas literarias no reconocidas como las que se basan en la oralidad creadas por figuras provenientes del medio campesino y la periferia de las grandes ciudades. En el presente trabajo, analizamos y comparamos de manera genérica las condiciones de creación y desarrollo de la Lira Popular chilena y la Literatura de Cordel brasileña, en base a “*Literatura e subdesenvolvimento*” de Antonio Candido, teniendo como periodo de análisis de ese contexto de las formas literarias de base oral la segunda mitad del siglo XIX hasta la década de 1930, período en que la Lira Popular deja de circular.

Palabras clave: Lira Popular. Literatura de Cordel. Subdesarrollo. Candido.

Em “Literatura e subdesenvolvimento”, Antonio Candido avalia as literaturas do continente latino-americano e o que define naquele momento como categoria relacionada ao “subdesenvolvimento” da região. Para tanto, Candido analisa obras e atitudes de escritores da América Latina, de acordo com as produções “metropolitanas” e a maneira como a postura destes escritores latino-americanos transformou-se com o desenrolar do tempo. O horizonte do crítico literário brasileiro é o dos romancistas latino-americanos, por isso fica a pergunta se se ~~pode~~ é possível estender integral ou parcialmente este lastro para outras formas literárias não tão reconhecidas como as baseadas na oralidade.

¹ Mestre em Estudos Latino-Americanos pela *Universidad de Chile*. E-mail: andersonmvelloso@gmail.com.

Neste trabalho pretendemos analisar de maneira genérica as condições de criação e desenvolvimento da Lira Popular chilena e da Literatura de Cordel brasileira com base nas ideias contidas no citado texto de Candido, posto que nas duas regiões de análise deste trabalho havia/há claros elementos de subdesenvolvimento presentes no contexto em que viviam aqueles poetas populares.

O texto de Antonio Candido, publicado originalmente em 1970, propõe uma apreciação sobre as bases da criação literária latino-americana, distinguindo duas maneiras de ver a condição atrasada e dependente dos países da região: a noção de país novo, que se relaciona a uma consciência amena do atraso, pensamento esse iniciado pelos movimentos românticos do século XIX; e a visão de país subdesenvolvido, com um viés catastrófico do atraso, surgida nos anos 1930.

O artigo do crítico paulista, embora tenha sido escrito num contexto distante dos nossos dias, segue sendo bastante atual e importante para compreender o fenômeno cultural/literário brasileiro e latino-americano. Por isso, propomo-nos a centrar a nossa análise do contexto da Lira Popular e Literatura de Cordel com base nos escritos de Antonio Candido e autores com quem o mestre das Letras dialogava.

Como o suporte conhecido como Lira Popular existente no Chile desaparece aproximadamente na década de 1930, a base cronológica de nossa análise apoiar-se-á naquilo que o professor Antonio Candido cunhou de “noção de país novo”, embora alguns pontos relativos “à visão de país subdesenvolvido” também caibam no estudo das literaturas populares brasileira e chilena.

Para compreender o contexto no qual se inserem estas literaturas de base oral, vejamos alguns aspectos históricos importantes anteriores à sua aparição no Brasil e no Chile. Espanha e Portugal, embora tenham tido distintas formas de conquista do espaço e colonização das mentes americanas, apresentaram condições de concepção e crescimento dos povos recém-criados que praticamente lhes impedia que se instituisse uma cultura letrada desenvolvida naquilo que se chamou ‘novo mundo’.

Embora o reino espanhol tenha fundado estruturas universitárias nas principais recém-inauguradas cidades dos vice-reinados, o que imperava no empreendimento das potências ibéricas era a exploração do solo para a obtenção de metais preciosos, possibilitando-se a educação e o saber apenas a poucos elementos daquela elite local que se formava.

Enquanto isso, a realidade colonial brasileira apresentava poucas iniciativas de alfabetização, normalmente relacionadas com grupos religiosos como os jesuítas. Além disso, a

própria língua portuguesa não era a língua mais falada no que hoje é o Brasil, em função da disseminação da “língua geral” que era usada por índios, africanos, mestiços e inclusive portugueses, até que a imposição da língua portuguesa fosse levada a cabo por Marquês de Pombal através da Lei do Diretório dos Índios em 1757.

Retomando o caso espanhol, também havia restrição de circulação de obras literárias nos domínios da coroa espanhola. Os poucos livros que adentravam as colônias hispânicas se referiam aos estudos eclesiásticos, filosóficos, legais e administrativos. Enquanto isso, as obras de “literatura de imaginação” eram proibidas de entrar nos novos territórios. Embora alguns afortunados conseguissem munir suas bibliotecas pessoais com livros que chegavam às suas mãos através de contrabando.

Nesse contexto pouco afeito ao culto da palavra escrita e do saber, a oralidade vai se conformando na base de transmissão de conhecimento e de história local e familiar. Até porque a grande maioria dos próprios colonizadores e conquistadores do atual território latino-americano era composta de figuras iletradas cultivadoras da história oral de origem ibérica. O historiador francês Jacques Lafaye (1990, p. 235) destaca que, quando chegavam às novas colônias, muitos colonizadores carregavam consigo a oralidade das histórias fantásticas e de cavalaria como a lenda das sete cidades de ouro de Cíbola. Inclusive tal influência fez com que alguns desses colonizadores empreendessem expedição até o que é hoje o território dos Estados Unidos para tentar encontrar as riquezas daquelas cidades míticas.

Vê-se, portanto, que é uma situação geral de iletrados no “novo mundo”, e tal realidade só começará a modificar-se de forma geral no século XX. Não havendo letrados, não há leitores, por conseguinte, o espaço para existir uma literatura local é diminuto, pois, como coloca Antonio Candido:

Se pensarmos nas condições materiais de existência da literatura, o fato básico talvez seja o analfabetismo, que nos países de cultura pré-colombiana adiantada é agravado pela pluralidade linguística ainda vigente, com as diversas línguas solicitando o seu lugar ao sol. (CANDIDO, 2006, p. 142)

Assim se dão as condições perfeitas para o desenvolvimento da literatura de base oral como são a Lira Popular chilena e a Literatura de Cordel brasileira. Ambas têm como estrutura básica os versos dos jograis e menestréis que percorriam a Europa. Versos esses que eram impressos em folhas exibidas na via pública, penduradas em cordéis atados de uma árvore a outra, sendo inclusive uma das poucas formas de comunicação que se tinha naquele período.

Os primeiros relatos escritos da Lira Popular em solo chileno, conforme o sítio eletrônico *Memoria Chilena*², datam da década de 1860, época na qual uma incipiente opinião pública centrava sua atenção nos acontecimentos associados à Guerra contra a Espanha. A partir daí, o cantor de novenas e velórios, sagaz na composição de décimas “a lo divino y lo humano, se decidió a utilizar el viejo metro en el comentario de hechos cívicos, y dio a conocer sus composiciones por medio de la imprenta” (URIBE, 1974, p. 16).

A Lira Popular circulou nos principais centros urbanos do Chile entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX. Os poetas populares – geralmente homens de origem rural transplantados ao meio urbano – fundiam a expressão própria da cultura campesina e as dinâmicas modernas de circulação e reprodução da palavra escrita. Publicavam nesse suporte suas composições em verso, nos quais faziam comentários de temas sociais, valendo-se das formas métricas e do imaginário da tradição oral.

Esse *pliego* tinha uma estrutura básica formada por uma manchete e gravuras, sendo impresso em papel de tamanho variável que incluía de quatro a oito décimas, geralmente feitas por uma quadra, todas de um mesmo autor. Além de assinar com seu nome ou pseudônimo, era comum o próprio poeta vender os exemplares nas vias públicas, nos mercados e nos pontos de transporte público, por onde transitavam os operários, empregadas, camponeses e artesãos que eram a base do seu público. Como se tratava de um segmento feito a um público majoritariamente analfabeto, muitas pessoas que compravam os folhetos ficavam atraídas pelas imagens impressas nas folhas. Ou ainda pelas décimas entoadas em voz alta pelos poetas, que reuniam uma multidão nas ruas para escutá-los recitando seus versos.

Com relação à Literatura de Cordel, a professora Maria Isaura Rodrigues Pinto (2011) afirma que os folhetos começaram a “serem divulgados, entre nós, já no século XVI, ou, no mais tardar, no XVII, trazidos pelos colonos em suas bagagens”. Já a pesquisadora Sônia Pereira Homolka (2015) reconhece que em algum momento do final do século XIX ou início do século XX, período em que este formato de literatura popular difunde-se na região, textos de cordel português circularam entre os nordestinos, deixando certa marca nessa literatura, que começava a ser produzida pelos poetas da região. Entretanto, segundo Homolka, a produção dos livretos no Nordeste possuiria características e variáveis típicas que os tornam uma invenção local e desvinculada de um similar produzido em Portugal.

² Projeto da Biblioteca Nacional do Chile, com página oficial disponível em: <www.memoriachilena.cl>.

A Literatura de Cordel é uma expressão popular que encontra uma adaptação ao ambiente regional parecida com a Lira Popular chilena ao ter como base, inicialmente, um público rural, formado por pessoas analfabetas ou semianalfabetas ligadas à agricultura. A dificuldade de ter acesso a outro tipo de literatura fez com que esse público se ligasse rapidamente ao cordel. Assim, tanto os clássicos de origem europeia, como os acontecimentos nacionais e internacionais, transmitidos pelo jornal e rádio eram mais facilmente assimilados e repassados pelo “folheteiro”.

Assim Curran (1973) identifica os leitores de cordel:

É geralmente o indivíduo pobre, de pouca ou nenhuma educação formal, que compra o folheto porque simplesmente gosta da história que o autor narra, e, em parte, porque só tem dinheiro para comprar esse tipo de literatura. (CURRAN, 1973, p. 15)

O folheto de cordel assim como a Lira Popular tem formato variado, mas contém número de versos diversificado (quadra, sextilha, décima, etc.), contando com uma xilogravura marcante que, normalmente, associa-se com o enredo da história a ser contada.

Da mesma forma que a similar chilena, que também tem um contexto oral bastante presente, os folhetos de cordel nordestino contêm uma característica particular: é um objeto de uso em reunião de leitura coletiva. Os impressos não têm por objetivo único a leitura individual e silenciosa, conforme o professor Marcos Paulo Pereira (2014). Segundo a estudiosa do Cordel Ruth Terra (1983), pode considerar-se um suporte de memória de uma poesia que normalmente é decorada, seja para deleite pessoal ou para a apresentação da leitura ante o público.

Vê-se, portanto, que há similaridades na forma como a literatura de expressão popular proveniente da península ibérica acomoda-se ao dia a dia brasileiro e chileno, fazendo com que estes suportes fossem assimilados pelas culturas locais. No entanto, há um ponto importante no histórico de ambos: a Lira Popular chilena, enquanto formato escrito, desaparece entre os anos 1930. Enquanto isso, a Literatura de Cordel brasileira não só se mantém viva, tal como se fazia no século XIX, como também ganhou espaço nos meios reconhecidos da cultura nacional.

1 Linguagem

Um dos elementos característicos que salta aos olhos do leitor/espectador presente nas duas formas de expressão poética é a linguagem empregada pelos poetas populares. A voz que se imprime nos folhetos e *pliegos* é a de aproximação ao contexto popular dos públicos brasileiro e

chileno, distanciando-se da atitude que alguns dos eruditos autores nacionais que, ao não encontrarem interlocução dentro do seu país, preferiam escrever em língua estrangeira, como lembra Candido:

Lembremos outro aspecto de aristocratismo alienador [dos romancistas], que no tempo parecia refinamento apreciável: o uso de línguas estrangeiras na redação das obras. [...] As elites imitavam, por um lado, o bom e o mau das sugestões europeias; mas, por outro, às vezes simultaneamente, afirmavam a mais intransigente independência espiritual, num movimento pendular entre a realidade e a utopia de cunho ideológico. E assim vemos que analfabetismo e requinte, cosmopolitismo e regionalismo, podem ter raízes misturadas no solo da incultura e do esforço para superá-la. (CANDIDO, 2006, p. 148)

A escolha de uma linguagem popular com versos rimados que facilitavam a memorização permitia que um público analfabeto, maioria em ambos os países no período em questão, fosse incluído ao gosto pela literatura oral e associasse um valor inestimável ao poeta popular, o que já não ocorria com o bardo que versasse em linguagem rebuscada ou em idioma estrangeiro.

Para verificarmos a presença dessa forma mais próxima à linguagem das pessoas com menos instrução em Lira Popular e Literatura de Cordel, trazemos exemplos de *pliego* e folheto: “Gran contrapunto entre un conductor de trenes i un pasajero”³, de José Hipólito Casas Cordero, e “Ai! Se sêsse!...”⁴, de Zé da Luz.

No texto de José Casas, nota-se que com o desenrolar do *contrapunto* entre *conductor* e *pasajero* o nível de linguagem popular entre os dois vai aumentando. Por exemplo, encontramos muitos trechos em que aparece no diálogo entre os dois personagens o *voseo*⁵ das conjugações verbais (*tenís, vais, sois, hallaris*), termos de linguagem informal ou popular do Chile (*carajo, apuruñar* [variação de *apurruñar*], *pequen, roto, mugriento, facha, rigorida, puñete, hacer chicha, cocacho* e *maucho*), ademais de vacilação na escrita (*doi* por *doy*, *i* por *y*, *lijereza* por *ligereza*, *soi* por *soy* e *mas* e *más* indistintamente).

Com relação aos versos já imortalizados de Zé da Luz, a conjugação dos verbos é regularizada, de maneira genérica, na terceira pessoa do singular (nós se gostasse, nós se queresse,

³ NAVARRETE, Micaela (Org.). **La Lira popular**: poesía popular impresa del siglo XIX. Santiago do Chile: Arquivo de Literatura Oral e Tradições Populares: Universitária: DIBAM, Departamento de Extensión Cultural, 1999. [17] folhas de lâminas.

⁴ LUZ, Zé da. **Brasí Cabôco e Sertão em Carne e Osso**. Recife: Litoral, 1999.

⁵ *Voseo* é um fenômeno linguístico comum na América hispânica, no qual se emprega o pronome *vos* junto a certas conjugações verbais particulares para dirigir-se ao interlocutor ao invés de usar-se o pronome *tú* em situações de familiaridade. No caso chileno, é mais comum o *voseo* de conjugação verbal.

nós dois se impariásse, etc.), e alguns verbos e substantivos sofrem variação (dizê, quarqué, toulíce, arriminasse, arrezorvesse, virge, etc.). Além de toda essa cor local presente em ambos os textos, há uma forte presença da sonoridade que atrai o leitor/espectador e permite que o público possa manter na memória tais versos.

Não só os escritores da elite cultural desperdiçavam um público em potencial, como havia também uma perda significativa para os ainda incipientes veículos de imprensa. Os quais, além de não disporem de um grande ambiente de leitores naquele período, contavam com o “obstáculo” de uma linguagem não acessível a todos. E ainda encontravam problemas de circulação dos meios de comunicação nas regiões mais distantes. Com isso, como ressalta Antonio Candido, cria-se um círculo vicioso de analfabetismo:

Com efeito, ligam-se ao analfabetismo as manifestações de debilidade cultural: falta de meios de comunicação e difusão (editoras, bibliotecas, revistas, jornais); inexistência, dispersão e fraqueza dos públicos disponíveis para a literatura, devido ao pequeno número de leitores reais (muito menor que o número já reduzido de alfabetizados); impossibilidade de especialização dos escritores em suas resistências ou discriminação em face de influências e pressões externas. (CANDIDO, 2006, p. 142)

Com essas condições postas, Lira Popular e Literatura de Cordel deparam-se com um momento ímpar para o seu desenvolvimento dentro dos seus contextos nacionais, pois, ademais das manifestações de debilidade cultural encontradas na América Latina elencadas por Candido e da linguagem usada pelos autores de folhetos e *pliegos*, havia também um cenário específico ao qual a Literatura (com “L” maiúsculo) e o jornalismo formal não davam conta, que é o cenário pitoresco rural/periférico brasileiro e chileno.

2 Pitoresco

Um dos motivos para que os poetas populares brasileiros e chilenos alcançassem êxito ocorreu em função desses trazerem o elemento pitoresco incluído no seu verso. Atmosfera essa que era comum no convívio das gentes de um mundo arraigado ao contexto rural, à religiosidade e aos relatos fantásticos/extraordinários⁶. Encontramos nesse sentido exemplos como o clássico folheto “A

⁶ Leia-se neste contexto o “fantástico/extraordinário” como o que foge ao “normal” relatado pelos jornais e diários locais, como a aparição de fantasmas, monstros, relatos sobre o fim do mundo e tudo o que fuja do comum na imprensa.

chegada de Lampião no inferno” (de José Pacheco da Rocha) e “A greve dos bichos” (de Severino Milanês da Silva); dos *pliegos*, destacamos os seguintes exemplos: “El hombre descuerado en el puente de las ánimas en Valdivia” e “Versitos del nacimiento del niño de Dios” (ambos de José Hipólito Casas Cordero). Todos os títulos remetem a temas caros ao público campesino ou da periferia. Vejamos um pouco dessa visão pitoresca de mundo em alguns trechos de “El hombre descuerado” e a “A greve dos bichos”:

*En el puente de las ánimas de Valdivia*⁷

José Hipólito Casas Cordero

*Por dos tiranos infieles
Este hombre fué descuerado,
Mártir dejó de existir
Como aquel más desgraciado.*

*El crimen que allí efectuaron
Por el interés de un peso
Le cortaron el pescuezo
I despues lo degeneraron;
En seguida lo arrastraron*

*Con unos duros cordeles
Le pegaron estos crueles,
Cometiendo una herejía
I pasó a la tumba fría
Por dos tiranos infieles.*

A greve dos bichos⁸

Severino Milanês da Silva

Muito antes do Dilúvio
era o mundo diferente,
os bichos todos falavam
melhor do que muita gente
e passavam boa vida,
trabalhando honestamente.

O diretor dos Correios
era o doutor Jaboty;
o fiscal do litoral
era o matreiro Siry,
que tinha como ajudante
o malandro Quaty.

⁷ NAVARRETE, Micaela (Org.). **La Lira popular: poesía popular impresa del siglo XIX**. Santiago do Chile: Arquivo de Literatura Oral e Tradições Populares: Universitária: DIBAM, Departamento de Extensión Cultural, 1999. [17] folhas de lâminas.

⁸ Disponível na página oficial da Casa Rui Barbosa no endereço eletrônico: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/SeverinoMilanes/severinoMilanes.htm>>.

O rato foi nomeado
para chefe aduaneiro,
fazendo muita "moamba"
ganhando muito dinheiro,
com Camundongo ordenança,
vestido de marinheiro.

O Cachorro era cantor,
gostava de serenata,
andava muito cintado,
de colete e de gravata,
passava a noite na rua
mais o Besouro e a Barata

Nos versos acima, encontram-se os relatos fantásticos/extraordinários da Lira Popular, descrevendo a situação em que dois criminosos matam um homem que acaba sendo *descuerado*. Em “A greve dos bichos”, cada animal tem uma profissão específica nessa sociedade relatada. Tais histórias de crimes e contos fantásticos tinham boa aceitação perante o público iletrado, e esses temas aproximavam autor e público.

Avesso à chamada visão regionalista⁹ entre romancistas latino-americanos, principalmente os do final do século XIX e princípios do XX, Antonio Candido ressalta que o acento pitoresco que esteve presente nos romances deu-se em função da fase de consciência eufórica de ‘país novo’. Consciência a qual a maior parte dos escritores da região estava impregnada. O crítico literário adverte também que essa forma pitoresca de contar histórias estava “superada ou rejeitada para o nível da subliteratura” e que a “manifestação mais ampla e tenaz na fase áurea foi porventura o gauchismo rio-platense”. Candido ainda dirá que a maneira mais espúria desse regionalismo pitoresco foi “um dado ‘sertanejismo’ brasileiro do começo do século XX” (CANDIDO, 2006, p. 158), mas isso não nos interessará em nossa análise.

Seguindo pela senda da subliteratura a que o professor Candido refere-se, termo que usa para adjetivar o gauchismo do Rio da Prata, tal rótulo poderia ser aplicado à Lira Popular e à Literatura de Cordel. Posto que as duas exibem características comuns à poesia gauchesca, como a forte presença da oralidade na escrita. Apresentam também descrições da vida campesina e seus costumes assim como dos personagens sociais daquele período (*criollos*, índios, mestiços, negros e estrangeiros, entre outros), além de normalmente exaltar o folclore e a cultura regional.

⁹ Neste presente trabalho, entende-se “regionalismo literário” basilarmente como aquele que se baseou em aspectos exóticos e pitorescos das regiões retratadas, conforme Antonio Candido.

O comparatista português Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso (2001), no seu estudo sobre a “periferia” do sistema literário superior, divide a dita “literatura de periferia” em nove níveis¹⁰. Cardoso define a subliteratura como “textos desprestigiados sem valor reconhecido”. No entanto, em um sentido amplo, não se pode afirmar que tanto a Literatura Gauchesca quanto a Lira Popular e a Literatura de Cordel tenham sofrido desprestígio ou não tenham tido valor reconhecido naquele período. Tendo em vista que, à época, ambas as formas tiveram boa disseminação em seus países. O que nos faz discordar de Antonio Candido.

Seguindo a proposta do comparatista português, a melhor definição de sistema literário de periferia que lhes cabe é o de “literatura popular”, tendo em vista que:

Pode ser entendida no sentido romântico da mitificação do povo ou num sentido mais restrito de um público sem formação significativa, que procurava um texto lúdico, ou de informação sem preocupações de rigor ou avaliação estético-literária.” (CARDOSO, 2001)¹¹

E o poeta popular buscava a ludicidade em seus versos com uma base informativa, ou melhor, de disseminação de ocorrências menosprezadas pelos diários, conforme já se comentou aqui acerca dos temas tratados do meio rural, da religiosidade e dos relatos fantásticos/extraordinários. Com isso, essas literaturas de base oral mantiveram um espaço cativo junto à população menos instruída em função do espaço deixado pelos romancistas latino-americanos.

O crítico uruguaio Ángel Rama salienta que os romancistas da referida região não tinham consciência da necessidade de comunicação entre o escritor e o seu público. Poderíamos inclusive acrescentar que mesmo que houvesse uma preocupação nesse sentido, com certeza, o público de menor instrução não estaria no horizonte do escritor de “gente letrada”. Completando o raciocínio, Antonio Candido achava possível que o escritor latino-americano estivesse condenado a ser sempre o que na realidade era: um produtor de bens culturais para “minorias, embora no caso estas não signifiquem grupos de boa qualidade estética, mas simplesmente os poucos grupos dispostos a ler” (CANDIDO, 1970, p. 143).

¹⁰ Os nove níveis de classificação para a periferia literária de Cardoso são: literatura secundária ou menor, paraliteratura, infraliteratura, subliteratura, literatura de consumo, literatura de massa, literatura popular, literatura marginal e literatura *kitsch*.

¹¹ Disponível em: < <http://www.ipv.pt/forumedia/4/10.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

Tal consciência sobre a necessidade de comunicação com o público só se acentua na segunda metade do século XX, quando já não se encontra a Lira Popular chilena no seu suporte folheto. Período quando se iniciam as mudanças sociais como a ascensão dos setores médios, avanço da industrialização, o urbanismo crescente, a ampliação educacional concomitante, que se efetua de modo preferencial em alguns países latino-americanos. Antes disso, como afirma Rama,

[...] os diferentes países do continente desenvolvem-se com públicos leitores muito, reduzidos, de poucos milhares, que nos fatos correspondem à estrutura dos próprios transmissores da cultura: professores, mestres, alguns burocratas e profissionais. [...] [O romancista latino-americano]. De nenhum modo escreve para a sociedade inteira de seu país e, menos ainda, para a dos demais de língua espanhola. Isso se torna patente ao se comprovar que: não há leitores camponeses; não há, praticamente, leitores operários, salvo alguns quadros chilenos e, agora, alguns quadros cubanos; não há leitores da classe média. (RAMA, 2001, p. 62)

Dando seguimento às ideias do uruguaio Ángel Rama, mas agora relacionadas aos conceitos de La ciudad letrada (1984), Lira Popular e Literatura de Cordel conseguem romper a barreira letrada que se empunha a tudo aquilo que não estivesse baseado na palavra escrita (embora houvesse um resultado da oralidade impresso em papel), de que só se concedia poder ao que estivesse escrito. Ainda que sua base fosse oral, essas expressões poéticas sul-americanas já se revestiam com elementos de cultura de massa, pois acabavam abrangendo o universo daqueles que não faziam parte do “miolo letrado”, como dizia Rama, mantendo os alicerces da fala na sua escrita.

3 Dependência cultural e religiosidade

Não obstante, ingressar em uma cultura de massa não implica necessariamente passar de uma condição de analfabetismo, falta de leitores, subdesenvolvimento e dependência cultural, para uma condição favorável ao incremento de um culto às letras. Nesse sentido, como coloca Candido, mesmo que aumente o número de pessoas com um mínimo de instrução, isso não as faz buscar uma cultura erudita:

[...] na maioria dos nossos países há grandes massas ainda fora do alcance da literatura erudita, mergulhando numa etapa folclórica de comunicação oral. Quando alfabetizadas e absorvidas pelo processo de urbanização, passam para o domínio do rádio, da televisão, da história em quadrinhos, constituindo a base de uma cultura de massa. (CANDIDO, 2006, p. 143)

Com essa ‘etapa folclórica de comunicação’ ainda vigente, a dependência cultural das antigas colônias com as velhas metrópoles se mantém. Um dos pontos de análise sobre o atraso e o subdesenvolvimento em nível cultural a que Antonio Candido refere-se coloca em evidência a dependência cultural.

Este [problema da dependência cultural] é um fato por assim dizer natural, dada a nossa situação de povos colonizados que, ou descendem do colonizador, ou sofreram a imposição de sua civilização; mas fato que se complica em aspectos positivos e negativos. (CANDIDO, 2006, p. 143)

É evidente que no período compreendido entre fim do século XIX e início do XX, Espanha e Portugal já não exerciam mais o seu poder sobre as recém-criadas nações latino-americanas. Inclusive tais países tinham como espelho outras nações europeias mais desenvolvidas naquele período (Inglaterra e França) e também o então crescente Estados Unidos.

No entanto, alguns pontos da imposição cultural colonial ibérica na América Latina foram de tal maneira assimilados no imaginário popular. De forma que é impossível pensar a cultura das ex-colônias sem considerá-los como parte do patrimônio nacional. Um desses pontos é a religiosidade, que dentro da literatura de base oral brasileira e chilena entram como capítulo importante na classificação dos tipos de Lira Popular e Literatura de Cordel.

Para *Memoria Chilena*, a poesia popular (base oral da Lira Popular) é dividida entre *canto a lo humano* (sobre temas cotidianos ou festivos) e *canto a lo divino* (temas religiosos em geral). Especificamente sobre *canto a lo divino*, os assuntos abordados são sobre Jesus Cristo, versos sobre o Antigo Testamento, Fim do Mundo, Criação, de *angelito* (falecimento de crianças) e dedicados a virgens ou santos. Nesse âmbito, encontramos versos como "Sobre el nacimiento del niño", "Padecimiento de Jesus", "El próximo fin del mundo", "La conclusión del infierno: arrepentimiento del diablo" e "Un saludo a la Virgen al entrar al templo".

Já com relação ao caso brasileiro, há muitos intentos de classificação da Literatura de Cordel, e uma das mais difundidas é uma proposta feita por Ariano Suassuna¹². O autor nordestino sugere uma classificação em nove ciclos temáticos¹³, encontrando-se entre tais ciclos o “religioso

¹² Tal proposta aparece na introdução da seguinte antologia: BARROS, Leandro Gomes de. **Literatura Popular em Verso. Antologia**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

¹³ Os nove níveis de classificação para a Literatura de Cordel de Ariano Suassuna são: 1) Ciclo heroico, trágico e épico; 2) Ciclo do fantástico e do maravilhoso; 3) Ciclo religioso e de moralidades; 4) Ciclo cômico, satírico e picaresco; 5) Ciclo histórico e circunstancial; 6) Ciclo de amor e de fidelidade; 7) Ciclo erótico e obsceno; 8) Ciclo político e social; 9) Ciclo de pejeas e desafios.

e de moralidades”. Há críticas quanto a omissões de temas e mistura de categorias díspares na proposta do mestre paraibano, porém, a proposta no nosso presente trabalho não pretende questionar a validade das classificações.

Sobre os folhetos classificáveis no ciclo temático religioso e de moralidade, o teólogo Carlos Ribeiro Caldas Filho (2005) destaca que nesses temas há tópicos que passam por "visão fechada e determinada da vida", "sentimento antiprotestante", "rejeição de uma religiosidade explicitamente não cristã", "resgate de temas bíblicos", "superênfase em representantes do sagrado" (aparição de figuras populares como Frei Damião, Padre Cícero Romão Batista "Padim Ciço" e Lampião) e "quase ausência de Cristo".

Há uma infinidade de folhetos nesse sentido. Os que destacamos são os seguintes: “Lampeão no Inferno”, "A chegada de Lampeão no céu", "A mulher que foi surrada pelo diabo", "O protestante que virou urubu porque quis matar Frei Damião", "A macumbeira que foi fazer um despacho e despachou-se", "Os Dez Mandamentos e a vida de Moisés" e "A carta misteriosa do Padre Cícero Romão".

A religiosidade nos versos e nas páginas impressas de poesia é só mais um elemento da presença do imaginário popular que vem com as embarcações e aportam na América. Esse tema e outros mais contribuíram para que a Lira Popular e a Literatura de Cordel se inserissem nas culturas brasileira e chilena.

Considerações finais

Para dar um fecho a este trabalho, retomamos a pergunta inicial se seria possível estender integral ou parcialmente o texto “Literatura e subdesenvolvimento”, de Antonio Candido, para uma análise de formas literárias baseadas na oralidade. Cremos que com o percurso que fizemos já se provou que as análises feitas pelo professor Candido são válidas também para estudar o contexto histórico no qual estavam inseridas Lira Popular e Literatura de Cordel.

Antonio Candido é um autor que segue atual para analisar e compreender os fenômenos culturais/literários no Brasil e na América Latina como um todo. Muitos problemas que atravancavam o desenvolvimento cultural brasileiro e latino-americano nos séculos XIX e XX, de alguma maneira ou outra, seguem presentes em nossa realidade.

O analfabetismo é um tema crucial na análise de Cândido para a condição de subdesenvolvimento e entrave para o crescimento literário das nossas nações. É justamente em função dessa ineficiência educacional de nossos países que as literaturas de base oral demarcam espaço, incrustando-se como um alicerce cultural brasileiro e chileno.

No entanto, os problemas encontrados nas ex-colônias para o desenvolvimento da cultura letrada não se restringiam apenas às Américas. Pois, como já dizia o professor Antonio Candido, o problema dos públicos “provêm culturalmente de metrópoles que ainda hoje têm áreas subdesenvolvidas (Espanha e Portugal)” (CANDIDO, 2006, p. 143).

As literaturas de base oral podem ter se valido de uma primeira onda de cultura de massa que se verá entre o final do século XIX e início do XX, e que se consolidará com o advento das novas tecnologias de comunicação. Assim sendo, podemos inferir que o mesmo fenômeno da massificação que impulsionou as duas formas poéticas populares fez com que a Lira Popular diminuísse a sua circulação e logo entrasse em decadência. Informação essa confirmada pela página oficial do programa *Memoria Chilena* da Biblioteca Nacional do Chile, em consequência da expansão e diversificação da indústria editorial e jornalística.

No entanto, restam-nos as seguintes perguntas em relação ao desaparecimento do *pliego* chileno e a manutenção e consolidação do folheto brasileiro: por que a massificação não levou a Literatura de Cordel ao mesmo fim da Lira Popular? Que motivos definem que um desses formatos literários desapareça e outro se consolide na cultura de um povo?

Mesmo com fim do suporte escrito, posteriormente os versos em *décima espinela* da Lira Popular seguiriam com cantores chilenos preocupados em registrar temas folclóricos de seu país como Violeta Parra, Victor Jara e outros autores da *Nueva Canción Chilena*. A Literatura de Cordel não só se mantém viva nos folhetos, como também se espraia para o cancionero popular no canto de figuras reconhecidas como Luiz Gonzaga.

REFERÊNCIAS

BARROS, Leandro Gomes de. **Literatura popular em verso**. Antologia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. Religião na literatura de cordel: análise da religiosidade popular no nordeste brasileiro. In: **Revista de cultura teológica**, São Paulo, v. 52, p. 65-77, 2005.

- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARDOSO, Luís Miguel B. Literatura, Paraliteratura ou Subliteratura? O Estatuto Axiológico de um texto de linguagem mista: a Banda Desenhada. In: **Fórum Media** - Revista do curso de comunicação social, Viseu/Portugal, n. 4, 2002. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/forumedia/4/10.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2016.
- CURRAN, Mark J. **A literatura de cordel**. Recife: Ed. Universidade Federal do Pernambuco, 1973.
- LAFAYE, Jacques. Literatura y vida intelectual en la América española colonial. In: BETHELL, Leslie. In: **Historia de América Latina**. Tomo 4 – América Latina: población, sociedad y cultura. Barcelona: Editorial Crítica, 1990, p. 229-264.
- HOMOLKA, Sônia Pereira. **Literatura de cordel: vozes da identidade e um breve estudo memorialístico**. 2015, 77 p. Dissertação (Master of Arts) - Department of Spanish and Portuguese, Brigham Young University. 2015. Disponível em: <<http://scholarsarchive.byu.edu/etd/5505>>. Acesso em: 21 jan. 2016.
- LUZ, Zé da. **Brasí cabôco e Sertão em carne e osso**. Recife: Litoral, 1999.
- NAVARRETE, Micaela (Org.). **La Lira popular: poesía popular impresa del siglo XIX**. Santiago do Chile: Arquivo de Literatura Oral e Tradições Populares: Universitária: DIBAM, Departamento de Extensión Cultural, 1999. [17] folhas de lâminas.
- PEREIRA, Marcos Paulo. **A cristalização do imaginário medieval na literatura de cordel**. In: **Nau Literária**, Porto Alegre, IL/UFRGS, v. 10, p. 188-207, 2014.
- PINTO, Maria Isaura Rodrigues. Literatura de cordel do Brasil e de Portugal: elementos articuladores de cumplicidades e conflitos. In: **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, t. 2, p. 1986-2001, 2011.
- RAMA, Ángel. Dez problemas para o romancista latino-americano. In: AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra (Org.). **Literatura e cultura na América Latina**. São Paulo, EDUSP. 2001, p. 47-110.
- _____. **La ciudad letrada**. Hanover, New Hampshire: Ediciones del Norte, 1984.
- TERRA, Ruth B. L. **Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste - 1893 - 1930**. São Paulo: Global, 1983.
- URIBE, Juan. **Flor de canto a lo humano**. Santiago: Editora Nacional Gabriela Mistral, 1974.

[Recebido: 20 mar. 2016 – Aceito: 26 maio 2016]